

Nossa América

APRESENTAÇÃO

A utopia da Nossa América tem uma dinâmica singular, considerando sua continuidade e vigência, além do suposto fim dos meta-relatos da modernidade ocidental tardia. Sua presença em textos significativos da cultura latino-americana mostra as produtivas interações que se estabelecem entre vida social e escrita, entre história e mito, cultura letrada e imaginários. Expressando com intensidade as contradições inerentes à chamada “descoberta”, à conquista e ao processo de luta anticolonial e inclusive pós-colonial, a utopia constitui-se como uma imagem cujos significados em movimento evidenciam as pulsações criativas espirituais e materiais dos povos que habitam este continente desde o sul do Rio Bravo até a Patagônia.

HISTÓRICO

Se bem que a utopia da Nossa América possui antecedentes na imagem mítica da América como o Mundo Novo dos cronistas das Índias, esses antecedentes poderiam remontar até a *Utopia* (1516) de Thomas Morus, que talvez, como analisa Ezequiel Martínez Estrada, localize-se na América e tem à Cuba das cartas de Pedro Mártir de Anglería como possível referência. Ponto destacado nesse primeiro momento encontra-se na visão desde América que marca o Inca Garcilaso de la Vega (1539-1616) nos *Comentarios Reales* (1609). Nessa obra fundamental, seu autor revisa criticamente o conceito colonialista da “descoberta” de América e tenta preservar as diferenças históricas, culturais e políticas que já caracterizam à nascente sociedade americana nos primórdios do seu processo de transculturação, defendendo o valor da recíproca mirada do Velho e o Novo Mundo.

A utopia, de manifestações esporádicas na prédica da ilustração crioula e na geração independentista, ancora-se no pensamento e na ação de Simón Bolívar (1783-1830), o qual na *Carta de Jamaica* (1819) nos define como “um pequeno gênero humano”. Presente depois na geração do meio século, será na formulação de José Martí (1853-1895), terceiro intento de atualização da idéia da unidade continental, que alcança sua maior repercussão, transgredindo qualquer tipo de nacionalismo restrito.

O termo Nossa América aparece desde 1875 e 1878, quando Martí vive exilado no México e na Guatemala. Certamente o conceito não permanece invariável. Em contato com um conjunto de experiências históricas e vitais, tem progressivas enunciações, entre as quais sobressai o discurso *Madre América* (1889). Atinge sua forma cimeira no ensaio *Nuestra América* (1891), de expressão predominantemente poética e filosófica. A par, a imagem-conceito sustentará toda uma prática discursiva – oratória, narrativa, poesia, epistolário, jornalismo –, sendo fio de engaste capital na obra martiana.

A perspectiva de integração americana, de maneira geral, aparece na poética do Rubén Darío de *Cantos de vida y esperanza* (1905), e especialmente na sua “Oda a Roosevelt”. Desenvolve-se como um motivo de múltiplas nuances na literatura da alta modernidade latino-americana. Na poesia, tem especial relevo, basta citar Gabriela Mistral (1889-1957) e Pablo Neruda (1904-1973). No contexto brasileiro destaca-se a postura estética e intelectual de descolonizar a América da experiência modernista no seu relevante conjunto. A figura de Solano Trindade (1908-1974) merece ser citada porque aponta, com sua poesia vinculada ao negrismo continental, para uma visão americanista relativa à utopia de justiça e igualdade sociais. Poderosamente a narrativa tematiza o americanismo e tece imagens paradigmáticas, como a do Macondo de Gabriel García Márquez (1928), uma das mais ricas por sua síntese histórico-mitológica de América. No entanto, de maneira

canônica e explícita, a utopia da Nossa América aparece com significados históricos, estéticos e ficcionais nas releituras de Alejo Carpentier (1904-1980) e José Lezama Lima (1910-1976), de modo tal que em elas é possível situar o centro do percurso receptivo em termos de criação literária.

Outra linha de continuidade a historiografia tem identificado no pensamento latino-americano moderno e contemporâneo, sobretudo de filósofos, antropólogos culturais e historiadores, incluindo, de modo relevante, os estudiosos da literatura. Nesse sentido, são significativos os aportes de Sílvio Romero (1851-1914), José Enrique Rodó (1872-1917), Pedro Henríquez Ureña (1884-1946), José Vasconcelos (1882-1959), Julio Le Riverend (1912-1998), Leopoldo Zea (1912-2004), Antonio Candido (1918), Arturo Andrés Roig (1922), Darcy Ribeiro (1922-1997), Ángel Rama (1926-1983), Carlos Fuentes (1928), Roberto Fernández Retamar (1930), Antonio Cornejo Polar (1936-1997), Néstor García Canclini (1939), Ana Pizarro (1941), Zilá Bernd (1944), autores em cuja obra aparece a idéia da totalidade contraditória continental ou também de um espaço cultural comum de múltiplas identidades, caracterizado por uma vasta rede de vasos comunicantes; distinguindo a todos sua crítica da alienação e o pensar projetivo desde a América.

MODOS DE EXPRESSÃO

A utopia martiana: uma formulação clássica

A utopia martiana constitui uma vindicação da história e cultura da Nossa América como confirmação jubilosa de um potencial criador que se desenvolve conflituosamente desde a conquista, em choque com o colonialismo e as nascentes formas de dominação neocolonial. Naquele final de século de abertura moderna e contradições extremas, momento de remodelação de estratégias de luta, também de atualização de utopias sociais e

na organização de uma guerra anticolonial para a liberação de Cuba e Porto Rico, José Martí integra seu original pensamento americanista, recolhendo diversos legados.

Sobre a base do reconhecimento de uma história comum, de tradições compartilhadas e de diálogo descontínuo mas essencial de nossos povos ibero-americanos, erige-se a idéia da integração de uma América afro-hispânica e indo-hispânica, de simbioses exemplares. De acordo com Ricardo Melgar Bao, o projeto conjuga três elementos cardeais: uma revalorização simbólica do tempo que levante uma ponte entre as origens e o futuro americanos, uma recuperação da identidade continental a partir das possibilidades culturais de enunciação do próprio, e um peculiar desdobramento de símbolos das tradições orais e letradas, nativas e ocidentais. Na opinião de Cintio Vitier, mestre dos estudos martianos, pertencem a duas ordens as ameaças que fecham a passagem a esse ideal. Na interna, tanto o aldeanismo como o desenraizamento, formas do colonialismo cultural que Martí analisa na figura psicossocial dos “letrados artificiais” e “crioulos exóticos”, configurando fantasmagóricas imagens: “Éramos una visión, con el pecho de atleta, las manos de petimetre y la frente de niño. Éramos una máscara, con los calzones de Inglaterra, el chaleco parisiense, el chaquetón de Norteamérica y la montera de España” (MARTÍ, 1963, p. 20). Na ordem externa, Martí prevê o avanço do imperialismo estadunidense. Ante essas ameaças, no ensaio *Nuestra América* promove-se a união continental e a paz, a identificação ativa com os oprimidos e a força fundadora do amor encarnado na justiça social. Quando Martí metaforicamente diz: “No hay proa que taje una nube de ideas. Una idea enérgica, flameada a tiempo ante el mundo, para, como la bandera mística del juicio final, a un escuadrón de acorazados” (Martí, 1963, p. 15), confirma o poder da razão utópica vinculada à ação transformadora, e afirma proféticamente: “Estos países se salvarán porque, con el genio de la moderación que parece imperar, por la armonía serena de la

Naturaleza, en el continente de la luz, y por el influjo de la lectura crítica que ha sucedido en Europa a la lectura de tanteo y falansterio en que se empapó la generación anterior, le está naciendo a América, en estos tiempos reales, el hombre real” (MARTI, 1963, p.19-20).

De explícita orientação anti-racista y pluriétnica, integradora do índio e do negro, das massas populares ainda excluídas, a utopia identifica e ataca os marcos ideológicos da organização social, utilizando uma mitologia política que nomeia simbolicamente (o leão estadunidense, o tigre hispano-colonial, predadores ferozes da fauna nativa, o gigante de sete léguas, alusão à política imperial dos EUA, entre outros). Junto à análise do conturbado presente das repúblicas, Martí traça sumariamente a história do continente mestiço, agora também continente da luz, que sustenta a proposta do futuro viável, onde haverá um lugar privilegiado para o mito e as germinações do porvir. Portanto, a utopia da Nossa América une de modo analógico múltiplas temporalidades em uma imagem multidirecional e plural do tempo, de condensações mítico-poéticas que concedem sentido à praxe humana na história.

Essa dupla perspectiva, tanto fundacional como de futuridade, da Nossa América, igualmente supõe uma complexa tarefa de recriação cultural. Governo e educação nascidos de nossas realidades; saber e arte em vínculo produtivo; consciência da história vivida e por viver; busca das formas originais, próprias, nos múltiplos campos da cultura material e espiritual; abertura ao mundo a partir das raízes na construção identitária: eis aqui motivos articuladores de uma proposta utópica progressiva de desafiante modernidade, em cujo centro está a vocação libertária humana, em uma retomada admirável, entre outras fontes reconhecíveis, do pensamento mítico ameríndio no qual se unem a realização espiritual transcendente e a vontade de atuar sobre o mundo.

Nesse sentido, merece particular relevo uma das representações de Quetzalcoatl, estudada por Miguel León Portilla como o senhor que a si mesmo se pensa e inventa, entre as principais intuições míticas meso-americanas. Em sua imagem, tão cara a Martí, Vitier salienta seu valor como arquétipo do primeiro homem-deus criado por sua consciência, figura em movimento para o centro iluminador analógico do universo, o que mostra a profunda conexão entre o humanismo quetzalcoatliano e o martiano, e destaca: “Quien esté familiarizado con el pensamiento ético, estético y político de Martí – todo él fundado en el venir de sí que a su vez postuló como rasgo esencial de América –, reconocerá su sobrecogedora semejanza con esa cosmogonía americana” (Vitier, 2004, p.202-203).

O ensaio *Nuestra América*, na sua explícita dimensão mítico-utópica, culmina com uma imagem de irradiantes significados: “¡Porque ya suena el himno unánime; la generación actual lleva a costas, por el camino abonado por los padres sublimes, la América trabajadora; del Bravo a Magallanes, sentado en el lomo del cóndor, regó el Gran Semí, por las naciones románticas del continente y por las islas dolorosas del mar, la semilla de la América nueva!” (Martí, 1963, p. 23) De ascendência ameríndia, e muito patente no sistema mítico-religioso dos *taínos* das Antilhas que genericamente denominavam *semí* a suas deidades, o Gran Semí alude ao poder genésico do autóctone como imagem do deus das sementes que já esteve na poesia de Sor Juana Inés de la Cruz, tocada pela graça da mitologia *náhuatl*. Símbolo da energia fecundante e revelação profética, uma das figurações do Grande Espírito de amor e luz que perpassa toda a obra martiana, o Gran Semí esparge generoso a semente-sêmen da vida nova. O mítico torna-se força geratriz da América presente e por vir. História, mito e utopia correspondem-se em uma visão recorrente na cultura literária do continente.

Releituras da utopia: José Lezama Lima e Alejo Carpentier

Profusamente imaginativa, a obra de José Lezama Lima evidencia uma recepção inovadora do pensamento martiano, estudado de modo magistral por Fina García Marruz. Em *La expresión americana* (1957), coleção de ensaios, seu autor rende tributo a Martí, que preside os grandes momentos dessa expressão: o da criação pelo espelho da imagem e o do ato nascente. Lezama lê os símbolos maiores da sua cultura que se desdobram no vasto espaço continental de transmutações órficas na busca da luz da antropofania poética. Configurando ao sujeito metafórico na sua travessia por constantes espirituais, na perseguição da *imago* como imantação criadora, Lezama concede papel protagônico ao “senhor barroco americano”, expressivo de um estilo plenário.

Nesse contexto, perfila-se um sugestivo sistema de referência à cultura brasileira nas suas sincronias continentais e uma figura aparece como eloqüente metáfora: “Ouro Preto está ceñido por sus desapariciones y apariciones en su mulo de relámpagos nocturnos. Se lanza, su obsesión era no ser visto, sobre la piedra golpeada, que al fin articula y rechaza. Iglesia tras iglesia, inmensas pilas bautismales, púlpitos laberínticos para apresar al Espíritu Santo, todo ello del ímpetu del Aleijadinho al lanzarse de su mulo, oculto todo el rostro bajo un sombrero que le caía como ala sobre los hombros, y picotear con su gubia las defensas de la piedra. Un proverbio brasileño nos dice: *el Brasil progresa de noche, mientras duermen los brasileños*”(Lezama, 1988. p.245). Figura mítica e antecipatória que Lezama mostra na significação paradigmática da sua obra entranhável, também de revelações deslumbrantes, ecoando o tema martiano da ascensão da noite à luz. A arte do Aleijadinho, condensação simbólica de nossa liberdade criativa, diz Lezama, “prepara ya la rebelión del próximo siglo, es la prueba de que se está maduro para una ruptura. He aquí la prueba más decisiva, cuando un esforzado de la forma, recibe el estilo de una gran

tradición, y lejos de amenguarlo, lo devuelve acrecido, es un símbolo de que ese país ha alcanzado su forma en el arte de la ciudad. Es la gesta que en el siglo siguiente al Aleijadinho, va a realizar José Martí” (Lezama, 1988, p.244).

Inventor de labirintos, Lezama dá vida a um universo ficcional mitológico onde se cruzam as mais diversas fontes, mas cuja pedra angular é americana. Assim, em *Paradiso* (1966), suma de saber e espiritualidade, aparece uma personagem emblemática, de múltiplas implicações míticas e autobiográficas, significativamente chamada José Cemí, o qual, descendo às origens, mas também projetado a um futuro onde tudo deverá começar, realiza uma busca de si na própria *poiesis* tão dramática e oscilante como a de um demiurgo que deverá criar-se, e salvar-se, a si mesmo.

Por sua parte, Alejo Carpentier, no relato “Los advertidos” (1965), oferece outra versão do mito do Gran Semí na forma do Amaliwak, de estirpe amazônica tamanaca, o qual faz nascer o gênero humano depois de um longo dilúvio, quando espalha as sementes da palma, validando a cosmogonia americana na mitologia universal.

Através de sua literatura, o escritor mantém um diálogo com a utopia de Martí que se estrutura em torno ao tema da busca identitária do continente transculturado. O discurso martiano entrega-lhe as categorias para imaginar a América na diversidade da sua constituição, sustentando sua trama argumentativa no conceito de máxima generalidade cultural, ética e política da Nossa América. Nesse sentido, sua poética do barroco e do real maravilhoso implica uma retomada, em nível paradigmático, da visão integradora do mito e história já patente na utopia martiana, também uma reflexão sobre os contrapontos culturais e tempos plurais distintivos do continente, porque a América, acredita, está muito longe de haver esgotado seu caudal de mitologias.

Em “Conciencia e identidad de América” (1975), um ensaio de definições medulares, Carpentier argumenta a importância estratégica do conhecimento dos sujeitos “advertidos”, capazes de viver a história em seus entrecruzamentos míticos, simbioses e mestiçagens. Em consequência, não basta estudar a história de cada nação. É preciso, a par, interpretar a história americana no seu heterogêneo conjunto. Também incita a uma releitura cultural da América reconstruindo as imagens de sua autoctonia, na fecundidade de seus clássicos, na busca de seus signos identificadores. Ao discurso colonialista incapaz de ver o múltiplo e a diferença, opõe o discurso desalienador de uma história entendida como tarefa humana, razoando desde os imaginários de nossas grandes comunidades culturais.

Mito e utopia vinculam-se na ficção carpenteriana desde *El reino de este mundo* (1949), romance no qual um escravo haitiano corporifica simbolicamente as tendências de resistência e libertação. Querendo melhorar o mundo e impondo-se tarefas ao serviço dos homens, Ti Noel vislumbra outras formas de vida futura. Aberto às mais fabulosas metamorfoses, seu destino de pedra transforma-se em fogo. Em *Concierto barroco* (1974), o autor pensa a transculturação americana, legitimando sua cultura, com suas sincronias e dissonâncias, no concerto universal. Contestando as utopias regressivas que aspiram a uma quimérica totalidade do passado, desde sua progressiva imaginação utópica, Carpentier conclui: “Fábula parece lo nuestro a las gentes de *acá* porque han perdido el sentido de lo fabuloso. Llamam *fabuloso* a cuanto es remoto, irracional, situado en el ayer -marcó el indiano una pausa-: No entienden que lo fabuloso está en el futuro. Todo futuro es fabuloso” (Carpentier, 1975, p.77). Assim, é o negro Filomeno, artista no caminho, que estende o arco da utopia temporal entre as origens e o futuro, enlaçando o poema mítico-épico fundador da literatura cubana e as memórias do porvir que estão sendo e serão escritas sobre Nossa América.

COMENTÁRIO

Dois centros medulares se podem destacar na utopia da Nossa América de tão influente curso na cultura espiritual latino-americana. Como projeto social pós-colonial de vasto alcance, seu nível de discussão e propostas sobre os temas identitários, tanto do enfrentamento identidade *versus* alienação, como da unidade contraditória identidade/alteridade, resultam contribuições relevantes. A partir dessa perspectiva perfila-se, como segundo ponto nodal, a idéia martiana, tão ativa na estética de Alejo Carpentier e José Lezama Lima, da consciência da América unida à problemática experiência dos sujeitos históricos, também mítico-metafóricos, indagando em si mesmos e autocriadores, espelhando a própria América que vem de si. Portanto, a pergunta ontológica por excelência de *quem sou*, aberta na conjunção dialética do mito e utopia, projeta-se a nosso ser adveniente. Se, como pensa Lezama, “lo imposible al actuar sobre lo posible engendra un posible en la infinitud (Lezama, 1988, p.100), então a visão pode adotar a forma perfeita da viagem mitológica à semente que haverá de germinar na utopia permitida de Nossa América.

BIBLIOGRAFIA

Textos literários

CARPENTIER, Alejo. *Ensayos*. La Habana: Letras Cubanas, 1984.

_____. *Concierto barroco*. La Habana: Letras Cubanas, 1975.

_____. *El reino de este mundo*. La Habana: Letras Cubanas, 1999.

_____. *Cuentos*. La Habana: Letras Cubanas, 1976.

MARTÍ, José. Nuestra América. In: MARTÍ, José. *Obras completas*, t. VI, p.[15]-23, La Habana: Editorial Nacional de Cuba, 1963.

LEZAMA LIMA, José. *Paradiso*. La Habana: Letras Cubanas, 2000.

_____. *Confluencias*: selección de ensayos. La Habana: Letras Cubanas, 1988.

História e crítica

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Nuestra América*: cien años y otros acercamientos a Martí. Prólogo de Cintio Vitier. La Habana: Si-Mar, 1995.

FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo*: épica, utopía y mito en la novela hispanoamericana. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

GARCÍA MARRUZ, Fina. *Ensayos*. La Habana: Letras Cubanas, 2003.

GONZÁLEZ BOLAÑOS, Aimée. *Pensar la narrativa*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.

MELGAR BAO, Ricardo. Símbolos del Tiempo, la Identidad y la Alteridad en la Visión Americana de José Martí. *Convergencia*, n. 24, p. 199-221, 2001.

REZENDE, Eugenio. *Nossa América: a utopia de um novo mundo*, São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.

VÁZQUEZ PÉREZ, Marlene. *Martí y América*: permanencia del diálogo. Santa Clara: Capiro, 2004.

VITIER, Cintio. *Temas martianos I*. La Habana: Letras Cubanas, 2004..

Aimée G. Bolaños